

ANNO IX

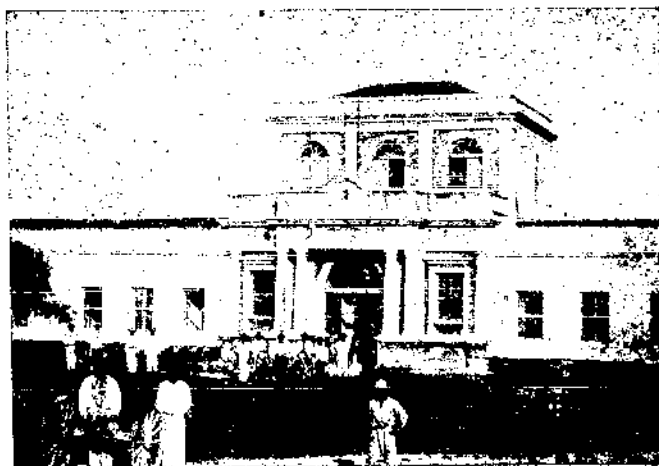
Num. 5

MAIO GROSSO

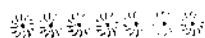
Revista mensal

DE

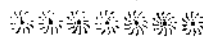
Sciencias, Letras, Artes e Variedades



Cuiabá - Arsenal de Guerra.



CUIABÁ-- MAIO—1912.



Revista Matto-Grosso

PUBLICAÇÃO MENSAL

DE

SCIENCIAS, LITTRAS, ARTES E VARIEDADES

Anno IX

Cuiabá

Maio — 1912

Num. 5

Mez de Maria

O mez de MARIA, com os seus canticos, as suas flores e as suas luzes! Musica, perfume e claridade... Mez irradiante, balsamico e sorridente, com um bello sol a resplender no azul e com um grande amor a chamejar nas almas. Maio entra a sorrir, como disse o poeta, pela bocca das flores, e MARIA surge, a brilhar, entre preces e aromas, branca, pura, immaculada e santa, com o manto espalmo, a mão aberta, o olhar translucido, a acalentar remorsos, a fagar angustias, acenar bonanças, prometter paraísos. O incenso, com a supplica, sobe, ondeante e calmo, aos céos, e o coração materno da Mãe piedosa e doce desabrocha para acolher os votos, que lhe mandamos, e expedir as graças, que lhe pedimos.

Onde começou este costume e



donde veio esta tradição? Ninguém o sabe. O mez de Maio é o mez, todo de galas, em que a natureza desperta e é o mez, todo de pompas, em que a alma humana exulta. Quem se lembrou de consagrar este mez tão rico à Virgem tão formosa? Ignora-se. Apenas se sabe que o mez de Maio é o mez de MARIA, porque o mez de Maio é cheio de lyrios e de rosas, de frondes e de ninhos, de céos ceruleos, mares mansos, campos virides, brisas meigas, sões olympicos—e MARIA é toda feita de açucena e rosiclereos, os seus

olhos têm sombras que abrigam e aves que cantam, os seus labios têm palavras de esperança, cariciosas como vagas que embalam, e o seu rosto é todo um sorriso de aurora, a illuminar, a ervalhar, a purificar o mundo...

Cousa extraordinária, como o sen-

timento colectivo da fê sabe imaginar as cousas deste mundo com as do outro mundo! Mez nenhum, senão Maio, conviria á Virgem Admiravel, e foi esse mez que, não se sabe como nem quando nem porque, ficou sendo o mez dedicado A'quella que bem merece esta longa -- mas tão curta para os que A amam! -- homenagem de trinta e um jubileos dias.

Porque MARIA é a dona de tudo. Ella é a Madona. Chamamol-a Nossa Senhora. Os anjos chamam-na Rainha, e abaixo do throno excelso da divindade não ha sóio mais alto que o pedestal em que ella impera. Ella é a protectora da Igreja e a Imperatriz do mundo. Os santos definiram o seu poder com estas duas palavras: *Omnipotentia supplex*, a omnipotencia supplice, porque, basta ella fallar para Deus ceder. Sem ella, o Filho de Deus não teria resgatado o mundo e, ainda mais, se não fosse a idealisação, no divino intuito, desta creatura, o proprio Deus não teria nem mesmo creado o mundo. Todos os dias durante este mez destilam, na ladainha, as varias denominações com que nos apraz frisar a innumerabilidade das prerogativas de MARIA: Mãe da divina graça. Porta do céo, Arca da alliança. Causa da nossa alegria... e quantas mais!

Sim, porque, a respeito d'ella, sem-

pre é exacta a celebre palavra: *de Maria nunquam satis*. Nunca é sobrejo o louvor a MARIA e tudo quanto se lhe puder angariar de elogioso, por mais que o seja, sempre será, para o que ella é e vale, pouquissimo.

(D'O Men Flus Sanctorum.)

«Ante-hontem foi levado á scena, no palco do theatro do Lyceen Salesiano o bellissimo drama historico em 3 actos *Rudherico ou Os bandidos dos pyrenéus* -- e a hilariante farsa em um acto -- *O Distrahido*, realisados pela companhia S. Luiz de Gonzaga.

Comando os estufes das seas distinctos amadores, a platêa achava-se repleta.

O desempenho correu agradavelmente, e os justos applausos que coronaram o final de cada acto, são o seu attestado incontestavel.



«No bem montado gabinete physico-quimico do Lyceen Salesiano desta Capital, a 11 do corrente den aos alumnos do quinto anno gymnasial da mesma importante casa de ensino, uma instructiva e amena paleção de clinica, o illustrado Professor francez Thiago Bloch, formado pela escola de Clinica Industrial da Faculdade de Sciencias de Lyão, e lente de uma das Escolas Practicas mantidas pelo Ministerio de Commercio e Industria, aqui reconhecendo em excursão official a scientifica pelo Norte do Estado.

Discorreu durante 2 longas horas sobre a clinica em geral, destacando-lhe particularmente a utilidade, a curiosidade e a grande influencia que exerce no desenvolvimento e prosperidade deste futuro torrao.

Illustrada com varias e interessantissimas experiencias, a brilhante conferencia scientifica empolgou a attenção dos jovenes convintes.

(D'O Deputado.)



RECEBEMOS

Revista Commercial e financeira, hebdomadario de economia politica, Enauca, agricultura, industria, commercio e obra publicas. Gazeta dos bancos e monitor das Estradas de ferro. N.º 769, 770 e 771.

(A União - An. III, n.º 9 e 11.)

O Barão do Rio Branco

CURIOSAMENTE ESTUDADO POR UM ESCRIPTOR ARGENTINO

CONFESSÃO

Desejava, pois, ver um pouco intimamente o homem que conseguia inspirar semelhante amor a um povo inteiro, disseminado por tão extensas terras, separadas umas das outras, por distancias immensas. E pedi o favor de ver um só momento o gabinete reservado. O meu amigo scandalisou-se um pouco com a pretensão, mas, comprehendendo que a suggeria alguma coisa mais que a curiosidade trivial, accedeu com uma clausula condicional: «Não olhando para os papeis, pôde...»

A condição era até algo offensiva! mas tratando-se de um jornalista, podia passar.

O gabinete é nada mais nada menos do que um enorme salão de uns quinze metros por oito. O seu aspecto á primeira vista é antes para desencantar. Nada de extraordinario, de monumental, de decorativo, de impressionante: as paredes nuas, nenhuma obra de arte, nenhum busto evocador, nenhuma lembrança, nem sequer um triste vestigio de jornadas memoraveis.—nem mappas com signaes estrategicos, pelas paredes... nem sequer um tapete no chão. Aquillo parecia antes o refeitório de um convento transformado em cela de padre prior dado ás letras. Porque papeis, sim, que os havia realmente! Papeis amontoados em uzeiras de todos os tamanhos, em secretarias de toda a especie, desde o estylo ministro até o de modestas palestras, algumas dellas ainda menos que modestas. Mesas de mogno, de cedro, de pinho branco, de todas as formas, em numero de quatorze

ou quinze, supportando montões de papeis, obstruam o vasto salão, impondo-nos, para circular, desde o andar obliquo até a difficil marcha do flanco. A direita, uma mesa, a mais importante pelo seu tamanho, de varios metros de comprimento, é formada de taboas de pinho que assentam sobre tres largos cavalletes; mas como assim se tornasse insufficiente para a avalanche de papeis, receberam as honras de um entresólo, fazendo-se-lhe uma extensa prateleira inferior formada por tres taboas collocadas sobre o cruzamento dos cavalletes. E ali tambem os papeis e livros erguem-se em cumulos e ruinas, fazendo curvar as taboas.

Onde trabalha Rio Branco? Para satisfazer essa curiosidade o meu amigo lançou o olhar por sobre as mesas... Basta ver onde está o castiçal. Com effeito, todo aquelle recinto de labor mental recebe apenas a luz de uma vela. Não se encontra alli candelabros, nem fôcos portateis; um modesto castiçal de metal branco passeia de mesa em mesa com o operario daquelle officina. Quando uma das mesas fica abarrotada, ao ponto de não ser mais possivel escrever sobre ella, procura-se no palacio uma outra, a primeira que esteja vazia, e junto a ella se installa o barão com a sua vela, a sua cadeira, — porque nem sequer usa uma dessas poltronas tão commodas para ver subir o fumo dos cigarros — um maringuê com agua, um copo e o tinteiro. — um tinteiro commum, desses que assentam em cheio, sem poder tombar, nessa vida de continuas mudanças,

Regularmente cada mesa tem tres rumas: o montão dos telegrammas á direita, sem duvida porque, sendo de natureza urgente, devem estar ao alcance da mão; o montão dos officios e papeis epistolares á esquerda; e um terceiro em frente, que, digo eu, será o monte daquillo que não serve, ou, por outra, a palha de debulhadeira.

Todos estes papeis estão copiosamente annotados com a grossa letra do barão do Rio Branco, o qual escreve sem negligencia, pondo sempre nas notas marginaes, ou nas resoluções, o pensamento inteiro e definitivo, formulado de um só jacto pelo seu criterio certo e sua erudição colossal, especialmente no que diz respeito ao Brazil, quer á sua historia, á sua diplomacia, á sua geographia, quer á sua natureza, flora, raças e phenomenos ethnicos, seu commercio e suas industrias, sua fauna ou seus costumes, seus insectos ou suas lendas, — pois o barão tem fama de ser o brasileiro que mais conhece as coisas do Brazil.

A primeira impressão de desencanto soffrida pela minha curiosidade foi-se transformando numa sensação de interesse crescente, ao observar, naquella recinto tão característico, rasgos intimos do Chanceller do Brazil, cuja obra de estadista, depois de haver conseguido a adhesão total do seu paiz reerguido, considerado, livre de questões de vizinhança e collocado numa posição de consideravel importancia internacional pela sua acção diplomatica, attraia com curiosidade crescente o interesse das nações da America e da Europa, mesmo das grandes potencias, de tal modo que na Conferencia da Haya se viram estas, torçadas com certa admiração e mesmo com um pouco de impaciencia, á attender,

primeiro com azedumes, depois com maneiras de deferencia, ao novo interlocutor exotico, por entre cujas verbosidades tropicas que, no começo, se acreditava serem simplesmente pittorescas, assomavam inesperadas ousadias e modos de dizer terminantes e claros, e que, sem muita cerimonia, tratando a todos de igual para igual, conquistava para si uma posição que parece definitiva em qualquer futuro debate internacional onde se ventilem interesses ou idéas da America do Sul.

Aquelle retiro de labores, simples e severo, despido de qualquer gala, conforto, até mesmo das pequenas e elementares commodidades, que o mais modesto burguez procura para as suas curtas meditações, — aquella immensa sala allumiada por uma unica vela, tão inhospitaleira e destituida de tudo quanto é propicio ás mysteriosas gestações do pensamento, revelava um modo inteiro de ser, um temperamento com a capacidade rara de se encerrar em seu proprio universo e gozar o afago do trabalho sem testemunhas, sem incitamentos visiveis, sem os estímulos da vaidade ou do interesse que em geral movem a energia dos homens. Aquella forma severa e superior da tarefa intellectual me trouxe á memoria, por uma associação facil de affinidades selectas, um outro poderoso trabalhador, o general Bartolomeu Mitre, operando tambem durante as noites até que a alvorada visitava o seu retiro, illuminado tambem por um castigo que viajava com elle da bibliotheca para o dormitório do pavimento terreo, onde a pequena cama de ferro, alheia ao sensualismo do repouso, parecia resumir em sua simplicidade, como uma synthese que lia a moral e a vida do trabalho, tor solitario.

Também Rio Branco tem alli o seu dormitório das noites laboriosas. Em um angulo do gabinete, um bômbô, de um panno qualquer, sustentado por bastes de metal, abrange um espaço reduzido. — o indispensavel para que possam calar uma cama de mogno estreita e uma cadeira. E' em relação com este aposento primitivo, um lavatorio de ferro fundido, com espelho, cravado a um lado da porta de entrada, completa o mobiliario relativo ao tocador do Chanceller.

Nos dias de noitada, faz as suas refeições na mesma mesa onde escreve, pondo de lado apenas a folha humida da escripta recente, em que vai formulando um tratado, ou um plano de recepção, uma folha de instruções diplomaticas, ou uma informação geographica, ou historica, para qualquer academia ou salão europeu, dos muitos que lhe solicitam dados, certos de que elle responde sempre exgotando o assumpto e ... na volta do correio. Um criado habil em improvisações culinarias, tendo por base os legumes, — pois o chanceller não come carne, — prepara a ceia frugal em um pequeno fogão a gaz, alli perto, — costumando, todavia, o barão gosar nessas suas ceias sobre a mesa de trabalho o encanto de uma gentil companhia, a da senhorita Hortensia do Rio Branco, exemplar galbardamente representativo da mulher brasileira, que ás vezes se demora no Itamaraty como que para dulcificar, com os effluvios ondulantes da graça e do talento feminino, as austeridades rectilíneas do labor paterno.

Mamuel Bernardes.

(Continúa)

Festa de S. Francisco de Sales

No Collegio Salesiano "Santa Theresza" realizou-se a 17 do corrente a festa de S. Francisco de Sales, patrono dos Côns. de D. Bosco.

Durante a novena em preparação á dita solemnidade pregou á tarde o rev. padre director do estabelecimento, a qual com fervorosas allocuções mostrou aos piedosos ouvintes as grandes virtudes do bispo de Genebra.

Na véspera da festa, ás 11 2 horas da noite, o rev. padre Antonio Malan, procedeu á benção de um novenino, cujo acto esteve muito concorrido.

Paraphrasiando este acto a exm. sr. d. Anna Maria d' Oliveira e exm. sr. conselheiro Márcio Hostey.

O salmo recebeu o nome Maria Auxiliadora.

As missas de consolação geral e cantata foram muito concorridas, salientando-se o recanto acto da primeira consolação, distribuída a alguns alumnos do collegio pelo rev. padre inspector, o qual fez a preceder de uma calorosa exhortação dirigida aos neo-communigantes affectuosa ao maior do altar. Acompanharam-nos no banquete eucarístico os demais alumnos, socios da companhia "S. Luiz Gonzaga", damas da devoção do Santo Sepulchro, cooperadoras e cooperadores salesianos.

O pangey e confidit pelo rev. padre "o. Th. Indubet, director do estabelecimento, o qual enalteceu as heroicas virtudes do glorioso mestre da caridade e mansidão christãs.

Ao meio dia houve um agape fraterno, que foi honrado com a presença de distintos amigos e cooperadores salesianos.

Conforme o programma, ás 6 12 horas da tarde, o rev. padre Antonio Malan, d. superior da missão salesiana neste Estado, effectou a conferencia regulamente aos cooperadores das obras de D. Bosco em Corumbá.

A capella "Maria Auxiliadora", onde se realizou a conferencia, se achava litteralmente repleta de muitos cooperadores e exmas. famílias.

Por mais de uma hora sua revma. soube prender a attenção do selecto e benévolo auditorio, dissor, tanto profusamente sobre a grandiosa obra de D. Bosco a Pia União dos cooperadores salesianos.

Accedendo particularmente a obra salesiana do nosso Estado e o selecto e numeroso auditorio ficou deveras commovido quando s. revma. tratou da catechese salesiana entre os pobres filhos das selvas.

Ao terminar fez um caloroso appello á nunca diminuida generosidade matto-grossense, em prol da missão indigena, em beneficio do collegio "Santa Theresza" e Santuario "Nossa Senhora Auxiliadora".

A conferencia seguiu-se a benção do SS. Sacramento.

Acto cantino teve uma bem animada hemesse, promovida por distinctas cooperadoras salesianas desta cidade.

Durante os festejos fez-se ouvir a banda do musica do 3.º batallião de artilharia.

Da "Gazeta da Estado" de Corumbá de 28 de Março de 1912.

Logogrifo

Querida amiga — 6, 7, 2, 5 — convidou-a, juntamente com a — 1, 8, 3, 4, 9 — para irmos á chácara do Sr. — 1, 7, 2, 7, 3, 8, 5 — passar o BOM TEMPO.

Corumbá, 1912.

Militina.

De flôr em flôr

Pensamentos do illustre e conveendo Dr. Manoel Pinto da Silva Torres, nosso egregio collaborador do E. de S. Paulo, a quem profundamente agradecemos estas flôres da sua alma de escôr e fructos de 40 annos de meditações, com os quos vai duramente afim e garcinda a nossa humilde Revista.

A REDACÇÃO.

V

A sepultura é o caminho subterraneo que nos leva á eternidade. «Young.»

* *

Uma moça muito respeitavel, procurou um dia o pastor do rebanho em que elle era primaz, e disse-lhe, pesarosa em extremo, mas muito em segredo, que seu marido a tratava mal; que passava quasi todas as horas de descanso fóra de casa; e que finalmente, o seu commportamento a tornava miseravel. — Como, senhor, sois um home n sabio e bom, talvez que me aconselheis o que devo fazer para rehaver meu marido. A vossa queixa infelizmente, respondeu o sacerdote, não é rara; mas creio que dependo de um unico remedio. Oh! disse-me qual elle seja, que abençoarei vosso nome, redarguido a moça, soluçando como uma criança. O pastor apertou-lhe a mão ternamente, e encarando-a disse expressivamente: «Apparecei sempre a vosso esposo com o sorriso nos labios.» Este conselho foi um raio de luz para a moça, que depois de agradecer-lh'o, retirou-se, senhora de um segredo, cuja influencia resolveu experimentar. Tres mezes depois, o pastor sentio alguém bater levemente á porta da sua livraria, e mandou entrar o importuno, que era a moça, a quem não vira desde então, mas que lhe apparecia inteiramente mudada. Nos seus lindos olhos reluzirão algumas lagrimas, mas essas lagrimas e-

rão de alegria. A moça trazia de presente algumas aves, que pediu ao pastor que accitasse, como uma lembrança de gratidão por uma divida que nunca poderia pagar. Depois contou-lhe que tinha seguido o seu conselho, e que fóra muito bem succedida, porque seu marido ficára completamente curado. Que o amor e a ternura moravão em sua choupana, onde ambos erão extremamente felizes e venturosos. «Echo americano.»

* *

De medico e de louco, cada um tem um pouco. «O numero dos loucos é infinito, os que menos fallão, são os que menos parecem.»

* *

Ninguem é mais liberal em louvar os outros, que aquelle que é mais digno de louvor.

«A inveja é a pedra de amolar, em que se afiã as linguas dos maldiscentes.» Os maldiscentes são como os tigres; temem-se mesmo quando estão brincando. «Conselheiro Bastos.»

* *

Estava S. Erem em uma pousada, cosinhando suas pobres viandas; e logo uma mulher, que morava na vizinhança, metteu os olhos pela janellinha, que lhe ficava fronteira, e pouco distante, e lhe perguntou por graça, se lhe faltava alguma coisa. Sem faltar, respondeu o Santo tres ladrilhos, e um pouco de tãdo para encaixar essa janella.

Perguntarão a Aristoteles, porque razão as cousas formosas se amavam? Respondeu: «Essa pergunta é de cego.» «P. Manoel Bernardes.»

Sonhou um homem, que via um ovo atado na ponta do seu cobertor. Consultou a um adivinhador, o qual lhe disse: que naquella lugar onde dormia estava escondido dinheiro. Caçou o homem, e achou ouro e prata. Desta den porpanção ao adivinhador, uma pouca parte: o qual aceitando-a meio alegre, meio triste, disse alludindo ao ouro: E da gema não ha nada. «P. Manuel Bernardes.»

A Ricardo Vito tinham os ministros da seita anglicana, aprisionado com grilhões e cadêas, e exposto ao ludibrio do povo, porque sustentou sempre com invicta constancia o poder, e autoridade da Igreja Catholica Romana. Entre outros se chegaram um ministrinho, que por acaso tinha na mão umas chaves. Respondeu Vito promptamente: A' S. Pedro se entregarão as chaves do Céu, como consta do Evangelho: as vossas devem ser da adega, porque pareceis um bom freguez.

Anagramma. «*Grandio mala mea.*» Maria Magdalena. «P. Manoel Bernardes.»

Um raio de sol.—A religião é uma bella cousa: é ella que faz o homem achar tanta força e consolo levantando os olhos para o Céu. Tive, em um grande perigo, tocante exemplo de coragem e dos recursos que as idéas religiosas podem dar ao homem. Acompanhara pescadores até o mar: ao partir, o tempo estava apparencia alguma de perigo a um marinheiro

tão novel como eu. Para o dia adiante, porém, o vento passando bruscamente do este ao sudoeste, mudou-se em uma horriavel tempestade. Nossa barquinha rolava nas vagas, como se fosse uma casca de noz. Após longos e vão esforços, os marinheiros desanimarão. O patrão da barca, trabalhava só, visto que todos estavão deitados. Elle mesmo não tardou a vêr que todos estavão perdidos, e tirando o barrete de lá disse: Meus filhos, rezemos! Mas o immediato retorquiu-lhe: Rezar, para que? Estas nuvens que tocão os mastros nos separão do Céu: nossas preces não chegarão jamais até Deus. O patrão ia responder que uma oração feita no fundo do coração nunca é perdida, quando vio, entre as nuvens negras que pezávão sobre o mar e obscurecião o dia, uma especie de mancha de um bello e puro azul. Atravez deste intersticio das nuvens brilhava um raio de sol sobre o mar ennegrecido. Filhos, disse elle, aquella abertura das nuvens é uma janella do Céu! Deus vê suas pobres creaturas em perigo, sabe que temos mulher e filhos, este raio de sol é um de seus olhares. Oremos! Então, todos se voltarão para essa bella janella do céo, e dirigirão á Virgem, uma breve e fervorosa prece.

Um raio mais brilhante ainda, pareceu descer e trouxe aos corações a esperanza e a confiança de torem si de ouvidos no Céu. Todos manobravão com coragem e novas forças....

Quatro horas depois entramos no porto. «A. Zarr.»

(Continúa).

*Teme a Deus, e observa os seus mandamentos; porque isto é o tudo do homem.

Solenne bençam e collocação da pedra fundamental

DO SANTUARIO DE MARIA AUXILIADORA
NO LYCEU SALESIANO

ECHOS DA IMPRENSA

«Sobre a aprazível collina do Lyceu Salesiano, realizou-se, ante-hontem, 24 do finente, conforme noticiámos, a funcção profundamente significativa da solenne bençam e collocação da pedra fundamental de Nossa Senhora Auxiliadora, excelsa Padroeira das obras salesianas.

Os Exm.^{os} Rev.^{mo} D. Carlos d'Amour, digno arcebispo metropolitano e Dr. Joaquim Augusto da Costa Marques, benemerito Presidente do Estado, inclusive demais autoridades, acompanhadas de numerosa concurrencia de povo, dirigiram-se processionalmente, da capella Maria Auxiliadora, do estabelecimento, ao local destinado á augusta cerimonia.

Achava-se este pittorescamente adornado de garridas bandeiras multicores, sobresahindo a imagem symbolica da Patria, que tremulava ao soprar das auras matutinas, e de elegantes folhagens de bananeiras, como que representando a fertilidade luxuriante do nosso solo.

Deu-se começo á funcção ás 7 horas da manhã, lançando S. Ex.^a Rev.^a, o Snr. Arcebispo a bençam liturgica á pedra fundamental, perante assistencia numerosa e selecta de fideis.

Como representantes directos da raça pujante dos boróros, ressaltavam 24 robustos filhos das nossas

florestas verdoengas, os quaes, ha um mez, trabalham com muita dedicacção naquelle mesmo local, por elles adrede preparado, para esse acto de extraordinaria significacção moral e social.

Serviram de paranymphos, o Exm. Revm. Arcebispo e a Exm. Consorte do Sr. Dr. Presidente do Estado.

O Revm. Padre Director do Estabelecimento leu a acta do estylo, que foi assignada por todas as autoridades presentes e demais pessoas gradadas, sendo em seguida encerrada na pedra fundamental.

Em acto continuo, o Rev. Padre Antonio Malan, dedicado Inspector da missão Salesiana neste Estado, celebrou a missa campal, aos sons do harmonium e da banda instrumental do Lyceu, a qual, ao momento da elevação, tocou o hymno nacional, como homenagem da Patria do Cruzeiro do Sul ao Deus sacramentado das nações.

A *Schola Cantorum* executou a *Tota Pulchra*, maviosa produccção musical do preconizado maestro Perosi.

Após a celebração da missa, o talentoso Padre Dr. Francisco d'Aquino Corrêa, director interino d'aquelle Lyceu e inspirado tribuno sacro, fez ouvir a sua palavra pausastica e eloquente, pronunciando, de

improviso, bellissima allocuçaõ, que sempre repleta das mais bellas imagens, prendeu no percurso de quasi uma hora a attençaõ do vasto auditorio.

Historiando, brillantemente, os factos lendarios desta cidade, onde, em diversos pontos, erigiram-se egrejas á gloriosa Virgem Auxiliadora, o illustre orador conduziu o auditorio á nossa actualidade, e disse, que se ia erguer sobre a mina mystica da instrucção e educação da mocidade, isto é, no terreno d'aquelle estabelecimento de ensino, o grandioso Santuario de Nossa Senhora Auxiliadora, que será para o futuro o solenne testemunho da gratidão catholica deste povo. Ao terminar foi o illustre Padre Dr. Aquino muito applaudido e cumprimentado.

Os Reverendos Monsenhor Bento Severiano da Luz, Freis Estevam de Mauran, Ambrosio Daydó e Luiz Galibert, estiveram presentes ao acto.

Além de muitas familias e cavalleiros, cujos nomes escaparam á nossa reportagem, notámos a presença dos seguintes senhores: Exm. Sr. Dr. Joaquim Augusto da Costa Marques, Presidente do Estado, Drs. João da Costa Marques e Manoel Paes de Oliveira, Secretarios de Estado, Coronel Pedro Celestino, Desembargador Ferreira Mendes, presidente do Tribunal da Relação, Coronel Manoel Escolastico Virgínio, Intendente geral deste municipio, Dr. Aprigio dos Anjos, Juiz Federal, Major Veiga Cabral, Director do Arsenal de Guerra, Desembargador João Carlos Pereira Leite, Procurador Geral do Estado, Dr. Agnelo de Macedo, Juiz de Direito da Capital, Desembargador Costa Ribeiro,

José Orlando, consul da Italia, deputados Avelino de Siqueira e Joaquim Sulpicio de Cerqueira Caldas, Coronel Antonio Thomaz d'Aquino, Administrador dos Correios, Coronel Virgilio Alves Corrêa, Dr. Carlos Sallaberry, Tenente Oswaldo Cicero de Sá, ajudante de ordens do Sr. Dr. Presidente do Estado, Tenente Heron Keller e advogado Francisco Agostinho Ribeiro.

O Debate que se fez representar felicita aos operosos e distinctos salesianos pelo brillantismo da sua festa.

(D' *O Debate*, de 26 de Maio.)



«De acordo com os programmas largamente espalhados pela capital, effectuou-se no dia 24 do mez proximo findo, a solenne bençãõ e collocação da pedra fundamental do Santuario de N. Senhora Auxiliadora, no Lyceu Salesiano.

Em bond especial e acompanhados pelo M. Revdo. P. Francisco d'Aquino Corrêa, Director interino do mesmo Lyceu, chegavam ás 7 horas da manhã, a esse vasto estabelecimento de educação, o Exmo. e Revmo. Sr. D. Carlos Luiz d'Amour, D. D. Arcebispo Metropolitano, e o Exm. Sr. Dr. Joaquim da Costa Marques, D. D. Presidente do Estado, com a sua Esposa D. Anna Maria Marques.

Entre as harmonias festivas da banda do Lyceu, foram S. S. E. E. recebidos á porta pelo M. Revdo. Padre Antonio Malan, D. D. Inspector da Missão Salesiana no Estado e pelos demais Padres e alumnos.

A PROCESSÃO

Desfilou em seguida a imponente Procissão ao local do Santuario.

Tam na frente com as suas galas bandeiras destraldadas, os socios da Companhia "S. Luiz", os meninos do Oratorio Festivo, os alumnos internos e externos do Lyceu, os aprendizes da Escola Agricola "S. Antonio" do Coxipó da Ponte em seu singelo fardamento azul, e por fim, tambem uniformizados, os 24 robustos indios boróros, primeiros trabalhadores do novo templo.

No meio, acolythado pelo M. Revdo. P.^e Antonio Malan, já referido, e pelo M. Rev.^{do} P.^e João Balzola, chefe da comitiva indigena, que serviam de Diacono e Subdiacono em dalmatica e tunicella, ia S. Ex. Rev.^{ma} o Sr. Arcebispo em meio ás alas do clero secular e regular, dentre o qual destacamos o Illm.^e Revm. Sr. Monsr. Bento Severiano da Luz, o M. Revdo. P. Fr. Estevam Mauran, D. D. Provincial dos R. R. P.P. Franciscanos, o M. Rev.^{do} P.^e Frei Ambrosio Daydê, D. D. Vigario da Sé e Redactor d' "A Cruz", e o M. Rev.^{do} P.^e Fr. Luiz Maria Galibert, D. D. Reitor do Seminario Archiepiscopal, ambos tambem da Missão Franciscana.

Seguiam-se, enfim, os representantes das mais altas auctoridades civis e militares, estadoaes e federaes, numerosas Senhoras e cavalleiros da nossa mais grada sociedade, e extraordinaria massa do povo.

Entre os primeiros notamos, além do Exm. Sr. Dr. Presidente do Estado e sua Exm.^a Consorte, os Exmos. Srs. Drs. Manoel Paes d'Oliveira e João da Costa Marques, Secretarios do Estado, Coronel Pedro Celestino Corrêa da Costa, Desd.^o Joaquim Pereira Ferreira Mendes, Presidente do Tribunal da Relação, T.^o C.^{el} Manoel Escolastico Virgínio, Intendente geral deste municí-

pio, Dr. Aprigio dos Anjos, Juiz Federal, Major José da Veiga Cabral, Director do Arsenal de Guerra, Desd.^o João Carlos Pereira Leite, Procurador Geral do Estado, Dr. Aguello de Macedo, Juiz de Direito da Capital, Des.^o Luiz da Costa Ribeiro, José Orlando, Consul da Italia, Deputados Avelino de Siqueira e Joaquim Sulpicio de Cerqueira Caldas, Antonio Thomaz de Aquino Corrêa, Administrador dos Correios, Coronel Virgilio Alves Corrêa, Dr. Carlos Sallaberry, Tenente Oswaldo Cicero de Sá, ajudante de ordens do sr. dr. presidente do Estado, 1.^o Tenente Heron Koeller, Major Francisco de Araujo Bastos, Advogado Francisco Agostinho Ribeiro e Gabriel de Mattos.

O LOCAL DO SANTUARIO

Quem visitou, ha um mez, o morro do Lyceu Sale ia ao, onde vai erguer-se a nova Igreja, não pode deixar de admirar o trabalho colossal dos operarios indigenas, que em tão pouco tempo, mas com afieco sem par, tallaram profundamente a uns 3 metros ao solo e aplainaram toda a area do vasto edificio de 35 ms. de comprimento por 16 de largura, excavando ainda parte dos alicerces. E haver ainda quem se convença da indolencia irremediavel dos nossos aborigenes!

A ornamentação estava pomposa. No alto em meio a multidão dos gallardetes, numa anarchia festiva de côresas mais garbadas, dominava o pavilhão nacional.

Na area da capella-mór, atapetada e sombreada de toldas, palmas e bananeiras, via-se, ao lado do evangelho, o solio para o Arcebispo, e do outro, o recinto reservado ao Exm. Sr. Dr. Presidente e sua Senhora, e outras auctoridades civis.

No lugar destinado ao altar-mór, onde ia ser collocada a pedra fundamental, abria os braços um cruzeiro ao pé uma credencia com a pedra a benzer-se.

O corpo da igreja, todo aleatificado de verdes folhagens, estava tomado de bancos e cadeiras.

Tanto que foi ebeçada a procissão á sua meta, cada qual tomou o proprio lugar e deu-se principio a funcção.

A BENÇAME COLLOCAÇÃO DA PEDRA

Argumentado com capa de asperges, S. Ex.^a Rym.^a o Sr. Arcebispo benzeu solennemente a pedra, conforme o ceremonial prescrito, aspergindo tambem em seguida os alicerces parte excavados, parte só designados do futuro templo.

Finda a bençame, S. Exma. Ryma, ajudado pelo Exmo. Sr. Dr. Presidente, e pelo M. Rvd. P. Antonio Malan e por quatro possantes braços horóros, collocou a pedra na cova de ante-mão preparado ao pé do Cruzeiro.

Serviram, como paranymphos o mesmo Exm. e Rvdm. Sr. Arcebispo e a Exma. Sra. D. Anna Maria Marques, D. D. Esposa do Exmo. Sr. Dr. Presidente do Estado.

A banda de musica do Lyceu que abrilhantava os actos com as suas harmoniosas peças, rompeu em marcha triumphal.

A ACTA

O M. Rvdo. P.^e Dr. Aquino Corrêa leu em acto continuo a acta lavrada em duas vias, das quaes uma, depois de assignada por todas as autoridades e pelas mais conspicuas personagens presentes, foi, como de estylo, encerrada na pedra fundamental; e a outra firmada tambem pelos demais assistentes, será con-

servada nos archivos do santuario.

A MISSA CAMPAL

Apparelhado o altar ao pé do cruzeiro e sobre a pedra, que acabava de ser benta, o M. Rvd. P.^e Antonio Malan servido por dois jovens indios horóros, com assistencia pontifical do mesmo Exmo. Metropolitano, rezou a Missa Campal, a que assistiram tambem em lugar especial os 24 operarios indigenas.

A' elevação, a banda tocou o Hymno nacional, e Deus e a Patria como que abençoaram assim aquella communhão solenne das duas raças irmãs.

A ALLOCUÇÃO

Terminado o S. Sacrificio, teve lugar a allocução do M. Rvdo. P.^e Dr. Aquino Corrêa, Director interino do Lyceu Salesiano.

Evocando os tempos primitivos da historia de Matto Grosso, S. Rym. commemorou a Capella de N. S.^{ra} da Penha de França, no arraial da Forquilha, depois as celebres minas de Miguel Sutil, onde mais tarde se construiu a Igreja de N. Senhora do Rosario, em seguida e sobre o mesmo morro, a Igreja de N. Senhora do Bom Despacho, e finalmente, ainda sobre a mesma collina, o futuro Santuario de N. Senhora Auxiliadora.

Assim é que Maria Santissima veio conquistando como que palmo a palmo o nosso torrão natal.

Disse quem é Maria Auxiliadora relembrando as suas tres grandes revelações historicas, nas aguas de Lepanto, na perseguição de Napoleão contra Pio VII e no inspirar ao Ven. Padre João Bosco a Pia Sociedade Salesiana.

Concluiu fazendo votos para que surja rapidamente o novo Santuario, não mais sobre minas de ouro vul-

gar, mas sobre a minha auriteria da instrução e educação cristã da mocidade, que é o Lyceu Salesiano.

Encerrou-se a grandiosa e involvidavel solennidade com a distribuição de iniagens com memorativas.

(D'A Cruz.)

Página Escolar

Nomes dos alumnos do Lyceu Salesiano de Artes e Officios "São Gonçalo" que se distinguiram nos tres concursos bimensaes do presente anno lectivo de 1911-1912, realizados nos mezes de Janeiro, Março e Maio.

PRIMEIRO CONCURSO

V Anno

1. Paulo Constantino Galvão
2. Leonidio J. Rodrigues
3. Athayde de Lima Bastos

IV Anno

1. Newton Corrêa da Costa
2. João Fontes de Oliveira
3. Alfredo J. da Silva

III Anno

1. José Layaquial
2. Gonçalo Martins
3. Amarillo Osorio Leite

II Anno

1. Mathias P. Fortes
2. Alcides P. Fortes
3. Pericles Vaz Guimarães

I Anno

1. Annibal Gomes Bezerra
2. Leonides de Carvalho—Viterbo R. de A.
3. Benjamin Keller

II grãu

1. Antonio Alves de Siqueira
2. Thiago Marques
3. João Guimarães

I Grãu

1. David Lacerda
2. Antonio Ponce de Oliveira
3. Waldemiro de Araújo Bastos

Superior

1. João de Aquino Corrêa
2. Generoso Fontes—José Osorio Leite
3. João da S. Guimarães

Inferior

1. Elydio Mamoré
2. Nemesio Gomes Bezerra
3. Armando P. de Arruda—Alfredo Magalhães

Lavour de Conducta

Leonidio J. Rodrigues, João F. de Oliveira, Josephi N. Ribeiro, Alberto Salaberry, Annibal G. Bezerra, Antonio L. de Barros, Benjamin Keller, Viterbo R. de Assumpção, Antonio A.

de Siqueira, João Guimarães, Luiz José de Magalhães, José. P. de Barros.

SEGUNDO CONCURSO

V Anno

1. Paulo Constantino Galvão
2. Athayde de L. Bastos
3. Abílio L. de Barros

IV Anno

1. Hermindo Th. Nogueira
2. Avidio de Mello
3. Newton C. da Costa

III Anno

1. Gonçalo Martins
2. Germano Ponce de Oliveira
3. Amarillo Osorio Leite

II Anno

1. Mathias Fortes
2. Josephi N. Ribeiro
3. Alcides Fortes

I Anno

1. Annibal Gomes Bezerra
2. Alberto Salaberry—Manoel Pina
3. Antonio L. de Barros—Benjamin Keller

II Grãu

1. Antonio A. de Siqueira
2. Thiago Marques
3. Mucio de Oliveira

I Grãu

1. Aristides Guimarães
2. Antonio Ponce de Oliveira
3. Waldemiro de Araújo Bastos

Superior

1. José Osorio Leite
2. Generoso P. de Oliveira
3. José Paes de Barros

Inferior

1. Nemesio Gomes Bezerra
2. Armando P. de Arruda
3. Elydio Mamoré

Lavour de Conducta

João Fontes de Oliveira, Josephi N. Ribeiro, Annibal G. Bezerra, Antonio Lucas de Barros, Benjamin Keller, Viterbo de Assumpção, Eustidos Castello, Antonio A. de Siqueira, João Guimarães.

TERCEIRO CONCURSO

V Anno

1. Paulo Constantino Galvão
2. Abílio L. de Barros
3. Athayde de L. Bastos

IV Anno

1. Newton C. da Costa
2. Avidio de Mello
3. João Fontes de Oliveira

III Anno

1. José Layaquial
2. Amarillo Osorio
3. Gonçalo Martins

H. Anno

1. Joseph N. Ribeiro.
2. Arthur P. Leite
3. Alcides Fettes

I Anno

1. Annibal Gomes Bezerra
2. José Motta
3. Leonidas de G. Cavallo

II Anno

1. Antonio A. de Siqueira
2. João Guimarães
3. Thiago Marques

III Anno

1. Aristides Guimarães
2. Waldemiro Bastos
3. Antonio Ponce—Augusto Brunner

Superior

1. João da S. Guimarães
2. José P. de Barros—José O. Orsi—João de Aquino Correa
3. Cyro Gomes Bezerra

Inferior

1. Nemesio Gomes Bezerra
2. Elvadio Mamore
3. Armando P. de Arruda

Louros de Condição

Annibal Gomes Bezerra, José Motta, Ant. nio de Siqueira, João Guimarães, Luiz Antenor de Figueiredo, Cyro G. Bezerra, Elmano B. Macedo, Elmano B. Macedo.

Pro Boróros

Interprete dos sentimentos dos nossos irmãos Boróros aldeados nas Colonias indigenas Salesianas, archivaremos doravante nestas paginas, em homenagem de admiração e reconhecimento, os nomes das generosas pessoas que com o obolo da caridade cooperam na regeneração daquella esparçada tribu, tornando-se assim dignos das bençãos de Deus e da Patria.

Sr. Heron Keller: 24 fardamentos de brim parido.

Uma Filha de Maria Auxiliadora: para comprar 24 chapéus — 1248000

Sr. Major Frederico Teixeira: 1 resma de papel de offício, 1 dita quadricular, 1 dita para cartas, 50 tinteiros com tinta sardiua, 21 lapis pretos, 24 canetas, 24 cadernetas em branco, 24 catechismos, 1 pasta de oleado para meza, 2 ditos para colleccionar papeis, 1 manual dos confesores, 8 memoriais fluminense, 12 caixas de smalto prata, 2 almanachs Bertrande — 1911 e 1912, 6 almanachs Litterarios do Rio Grande — 1911 e 1912, 2 almanachs Garnier — 1910 e 1911, 2 livros em branco de 25 folhas, 2 ditos em branco de 50 folhas, 250 enveloppes para cartas e 3 mãos de papel.

Sr. Gabriel de Mattos: 65 metros de chita e varios objectos.

Srs. Orlando Irmãos & Comp: 12 duzias de lençóis e anzoas.

Srs. Dorsa & Irmão: 2 duzias de lençóis.

Sr. Heron Keller, por ordem do Coronel Rondoni: 24 camisas de riscado, 24 calças de riscado, 2 espingardas para os dois capitães da colonia S. Coração.

Dr. Joaquim A. da Costa Marques, D. D. Presidente do Estado: 24 camisas de meia.

(Continúa).

O que escreveu ultimamente o Sr. Taff, Presidente dos E. U. da America do Norte, sobre a Igreja Catholica

«A opposição energica, com que a Igreja Catholica combate as ideias do Anarchismo e Socialismo revolucionario, merece attenção e approvação tambem dos que não são catholicos. A Igreja Catholica e a sua doutrina são a base mais solida da Ordem e da Lei. É por isso que com prazer tomamos conhecimento da nomeação de mais dois Cardeos, com que Roma animou a actividade e o zelo dos outros Bispos e distinguu bem altamente o nosso paiz. A Igreja Catholica poderá contar com as sympathias de todos os acatholicos, por causa dos seus esforços empregados para manter a ordem e as leis do paiz».

(Carta ao Cardeal—Arcebispo de Nova—York por o occasião de um banquete a elle offerecido).

Uma Tocante Oração

dirigida entre as forças Italianas que combatem em Tripoli.

«Senhor, eis que soam os clarins e retumba o canhão; não tardará a desencadear-se a tempestade da batalha e, dentro em pouco, estarei a pelear. Para vós elevo nesta hora o meu pensamento, Senhor, e quem sabe se pela ultima vez. Vós, Deus dos fortes, sustentai-me o braço e o animo, fazei, que este combate que rompe agora, seja victorioso para a nossa bandeira, e dae-me tambem a alegria de lhe ver a terminação feliz. Se, porem, necessario fôr que eu dê o meu sangue e vida para que a patria vença nesta batalha, até o sangue e a vida eu, com o vosso poderoso auxilio, darei voluntariamente. Senhor, soam já os clarins; o canhão troveja; vou entrar em fogo. Faço em mim o signal da Cruz, sobre a qual, feito homem, dôstes a vida pela salvação da humanidade; e em nome do Padre e do Filho e do Espirito Santo, marcho avante sem medo.»

O homem de caracter é sempre respeitado, até mesmo por aquelles que seguem opiniões diversas.



Parnaso mattogrossense



A' MEMORIA

DO MEU SAUDOSO AMIGO TRAJANO VIEIRA

*Nessa idade do ideal, de aspirações,
Quando o luto rir é grato assim,
Fúteis sonhos, desfeitas illusões,
Extintas esperanças vês por fim!*

*Por lei de fado eterno, inexoravel.
Roubou-te a cruel morte a doce vida...
Fizeste á cara mãe inconsolavel
A tua triste e extrema despedida!*

*Dorme em paz o teu somno derradeiro,
Pois tua alma tem jus á luz celeste;
E uma nenia este pobre farasteiro
Ha de á sombra entoar do teu cypreste!*

Cuiabá, 15 de Abril de 1890.

JOSÉ DELFINO.

PHILOMELA

Foi assim que eu ouvi, á vez primeira,
Cantar o rouxinol:
Sobre a terra alargára-se a calada,
Como um frio lençol.

Era noite, uma noite azul, por onde,
Sobre o calmo pomar,
Em um berço de nácares a lua
Se embalava a sonhar.

A briza afluva de mansinho as copas
Esperdiçando o odor
Das sylvestres violetas e narcisos
Abertos ao frescor.

Aos pés de Deus, sobre a cerulea allumbrã
Dos celestes jardins,
Silenciosas, ardiam as estrellas,
...Tremulos seraphins.--

Sublime solidão, em que a alma escuta
Rolando para Deus,
O psalmo eterno do oceano arfante
E dos rotantes céus!

E o rouxinol cantou! pousava á beira
Do seu florido lar,
Sobre um joven loureiro em cujas frondes
Scintillava o luar.

Eram trillos, gorgeios e soluços
De uma canção de amor,
Que echoavam ao longe e esmoreciam
Pelos valles em flor.

Assim foi que eu ouvi, á vez primeira,
Cantar o rouxinol -
O silencio jazia sobre a terra,
Como um frio lençol.

.

Oigo-te, enfim, oh! Philomela antiga
As mimosas canções,
Que tanta vez sonhára nos volumes
De Public e de Camões.

Sem teu hymno de amor, quão mesta fôra
Esta noite de abril,
Doce cantor da lua e das estrellas,
Oh! rouxinol gentil!

E' a hora em que a estrige deixa as sombras
Da lobrega mansão;
Dos antros são o lobo e são o crime
Do humano coração.

Chegam de longe endeixas de um trovista
Na voz de um bandolim;
Como que se ouve tilintar nas cordas
A lagrima sem fim.

E um vulto além não vês por entre os troncos
Do olmedo secular?
Na dextra o aço e na pupilla o odio
Coruseam ao luar.

Dos palacetes senhoriais lá rejam
Nos marmoreos degraus,
Os mendigos curvados aos esgares
Da miséria e dos maus

Oh! canta, canta! O céu é todo luzes.
A terra toda em flôr...
Teu canto é luz e flôres para as trevas
E os tribulos da dôr!

Com as preces que os monges lá na ermida
Estão a psalmar.
Qual doces neumas de nocturnos aijos,
Alternam o teu cantar.

Nas ermas quelhas a criança exposta
Escuta-te também,
E cuida ouvir no rosicler de um sonho
Cantar a sua mãe!

Teu canto é um echo da longínqua patria
Para o poeta exil.
Que pede novas dos gentis penates
A's estrellas do azul.

Oh! canta, canta! Ha infinitos astros
Polo celeste anil...
E's o cantor da lua e das estrellas,
Oh! rouxinol gentil!

* * *

E vós, oh! rouxinões, oh! trovadores
Da cithara christã.
Cantae a Virgem bella como a lua,
E a estrella da manhã!

Vai negro e triste o seculo revolto
Por arido suão;
Chacões e mochos, a miseria e o crime
Vivam na escuridão.

Cantae! e sobre a terra e sobre os mares
Ha de a Virgem lançar
O manso plenilunio de um sorriso,
E a estrella de um olhar.

Assim cautei ouvindo, á vez primeira,
A voz do rouxinol:
Calou-se!... A lua e as tremulas estrellas
Sumiam no arrebol...

Genzeiro de Roma, 10 de Abril de 1908.

AQUINO CORRÊA.



ÀS AVE-MARIAS...

*Ao meu illustre professor e amigo,
P. Aquino Guerra.*

I

*É tarde... e que tarde linda!
Toda cheia de poesia
Calmã, infusa,
De poesia e de triston...*

*Cora, que magna e com que dôr,
Lá bradava: Ave, Maria!
Os grandes, marcosos sinos,
Desde os varios
Campanários
Solitários,
Cujos natos alviziante
Vão os raios
purpurinos
do poente
abraçar
e em desmaios
oscular...*

*Brandos perfumes
aspiro já...
Quantos queixumes,
que dôr não ha
nos mansos trillos do sabão!...*

*É a pouco e pouco a tarde expira
do céu azul no amplo arrebol...
Com que tristeza não suspira
a fresca briza,
que docemente aqui desliza,
Qual si chorasse pelo sol!*

.....
*Ai! como essa alma que murmura
na viração,
porque és tão cheio de tristura,
meu coração?*

II

*A tarde findou-se. Desdobra-se a bruma,
e a noite já desce, mas pura e gentil...
No céu arquiado já uera por uma
formasas, rebentam estrêlas aos mil...*

*E ao longe, bem longe, cerulea, se apruma
Da serra o perfil...*

*Assim como as estrellas
palpantes e bellas,
nascendo rão pelo infinito, além;
assim neste momento,
surgindo um astro rem
no triste firmamento
deserto da minha alma...
E como é meiga e calma
esta luz que me invade!
E a Saudade! E a Saudade!*

Curitiba, Maio de 1912.

LAMARTINE F. MENDES,
alumno do Lyceu Salesiano.

MARIA AUXILIADORA

*Quizera te: a voz atroadora
De immensa artilharia
Para bradar:*

Maria Auxiliadora!

*E, si eu pudesse, pelo mundo afóra,
Bradando, assim, iria
Sem mais cessar:*

Maria Auxiliadora!

*Aos poros todos, do Occidente d' Aurora,
Do Norte ao Meio Dia,
Por terra e mar,*

Maria Auxiliadora!

*Ea não cessára de bradar, embóra
Echausto, e morreria
A te exaltar,*

Maria Auxiliadora!

24-5-1912.

ARMINDO D'OLIVEIRA.

NOTA

Parnaso mattogrossense. — Arhila sempre de contribuir, segundo suas posses, para o engrandecimento deste torrão obsequado, inicia hoje a nossa Revista esta secção destinada a registar produções poéticas de auctores patrióticos, as quaes primam pela nobreza da inspiração e dos sentimentos, maxime si bafejadas pelos ideaes supremos de Deus e Patria.

Rogamos, pois, aos nossos amáveis leitores, zelosos das patrias letras, queiram encorajar-nos os trabalhos que porventura conservem de nossos finados poetas, e estimular os jovens esteeciantes a se inspirarem naquelles sublimes themas, eternos mananciaes de poesia e cantos para toda alma bem talhada.

A REDACÇÃO.

Contraveneno religioso

CARTA PRIMEIRA

A INCREDULIDADE

E ella sincera? — Tem fundamento? — Sua origem. — Triptice causat. —
Theodoro Jouffroy.

SANTOSO CARLOS,
Conclusão da 1.ª carta.

P. S. E' por uma coincidência, que reabro esta carta.

Desfolhando, com effeito, um dicionario biographico, deparei com o nome do celebre Theodoro Jouffroy; este nome fez-me lembrar uma pagina das suas *Mélanges philosophiques*, pagina que li pela primeira vez com sensacional entusiasmo, e que, creio, produzirá em ti o mesmo effeito.

Difficil é descrever convenientemente a insaciabilidade que n'alma gera a incredulidade.

Escuta.

«Nunca poderei esquecer-me daquelle noite de Dezembro, em que se me rasgou o véo da incredulidade.

Parece-me ouvir, ainda, o rumor de meus passos pelo meu pequeno e modesto quarto, onde, mesmo depois das horas da descanço, costumava passear.

Parece-me descobrir, ainda, a lua caminhando, melancolica e vagarosamente meio escondida entre as nuvens...

Sem que percebesse, passavam-me, uma por uma, as horas silenciosas da noite... e eu as acompanhava com o pensamento, que se abysmava de continuo no recondito de minha consciencia, elucidando-me, em cada instante, os escolhos e mais escabrosos caminhos.

Debalde agarrava-me áquellas ul-

timas crenças, qual naufrago aos destroços do navio. Debalde, espanhado pela vista do abysmo insondavel, onde estava prestes a precipitar-me, esforcava-me para voltar, aos tempos idos de minha meninice, pensando na familia, na patria, em tudo quanto havia de mais caro e santo... á irresistivel torrente de minhas idéas eram vãos todos os meus esforços; somente depois de ter chegado ao ponto mais obscuro do abysmo é que bruxuleou deante de mim um raio do além...

Só então reconheci que no amago de meu ser vacillante e periclitante nada permanecera de pó... e minha fé naufragara...

Que terrivel não foi aquelle momento! E quando ao amanhecer, deixei-me calhar sob o peso do cansaço, sobre o leito, pareceu-me apagar-se, de repente, a minha primeira vida tão risonha e vigorosa; e abrir-se-me outra, tão tenebrosa e deserta, que devia supportar a sós e com o pensamento afflictivo de ser arrastado áquelle barathro, onde haveria de amaldiçoar incessantemente tudo que pôde haver de mais puro e sagrado!

Os dias seguintes á essa desillusão, foram os mais tristes da minha vida.

Minha alma não podia affazer-se a um estado tão pouco conforme á traqueza humana. Com grande affan, procurava, atraz de mim, as borlas da estrada percorrida nos meus primeiros annos.

“ Nas cinzas da creença d'outr'ora, descobria como que fúscas que pareciam, de vez em quando, reanimar-me na fé.

Aquella fé, porém, já tinha sido esmagada sob uma montanha de escombros... levantar-me era impossível!”

Enão creias, meu Carlos, que fosse tal uma impressão momentânea ou de poucos dias, não.

Ainda na qualidade de professor de philosophia na Universidade de Paris, não mudou o seu character.

«E quando dispunha, diz elle, d'alguuma hora livre, passava-a meditando, quer de noite, á janella, quer de dia, aos balitos das brisas das Tulherias. Internos affectos e repentinas commoções chamavam, então, á minha mente as saudosas creenças do passado, mortas agora em meio á escuridão e o chaos de minha alma, e o plano, sempre adiado, de encher, uma vez, aquelle horrível vacuo.»

Após cinco annos de professorado, as mesmas trevas, o mesmo vacuo na alma do philosopho, o qual assim continúa: «quando, no tempo das férias, voltava ao campo onde nasci, cre-me tudo como dantes, menos eu. Aquella egreja, sempre repleta de fideis: aquelle sacerdote, que me havia ensinado o catechismo, já envelhecido, porém o mesmo crente: tudo aquillo que amava e que me alegrava, tudo era o mesmo, palpitando em tudo a mesma alma, tudo reanimando a mesma fé... só eu me tinha perdido: só eu vivia sem saber como e porque; só eu, tão sabio não sabia nada; só eu sentia na alma um vacuo immenso, uma voz indefinida. . . só eu inquietava-me sem arrimo, sem luz, sem entendimento.»

Assim se exprimiu o grande racionalista francez.

Entretanto, elle mesmo queria que a sua filha fosse educada christãmente e que principalmente fosse preparada, o melhor possível, para a primeira communhão.

Meu Carlos, sobre isto muito temos para meditar.

(*Continha*).

Roteiro da navegação

DO

Rio Paraguai

entre a foz do S. Lourenço e o paralelo de 17° 35' e das adjacências Lagoas Gaíba e Uberava

PELO CAPITÃO DE FRAGATA DA

ARMADA NACIONAL E IMPERIAL

AUGUSTO LEVERGER

(Barão de Melgaço)

Publicação feita sob a direcção de

ESTEVAO de MENDONÇA

V PARTE

(*Continuação*)

Direi em resumo, pelo que toca á navegação, que húa embarcação demandando até 6 palmos d'agua pôde em todo o tempo navegar sem perigo, e sem obstaculo no rio Paraguay, entre os limites indicados, e na Gaíba; mas que, na estação secca, a Uberava lhe não será accessivel pois que, por qualquer parte que se intente entrar nella, é forçozo passar baixios em que só se achão 1 e meio a 2 palmos de fundo. Parece-me portanto que não pode ser de importancia a navegação que pretendão fazer os Bolivianos pela dita lagõa cuja sahida, alias, facilmente lhes será vedada pelas nossas Bar-

cas, salvo nos casos de maxima enchente em que os campos inundados tornem-se navegaveis, o que difficulta a vigilancia por ter ella de exercer-se sobre amplissimo espaço.

Estas paragens estão na actualidade completamente desertas. Habitavão-nas, não ha muito, os Indios Guatós que mudarão-se, e presentemente residem, pelo S. Lourenço acima, até a foz do Cuiabá; e pelo Paraguay abaixo até a boca superior do Paraguay mirim.

Cuiabá 28 de Maio de 1874. —

Augusto Leverger, Capitão de Fragata.

APPENDICE

Extracto de hum relatório que ao Exm. Capm. General Luiz d'Albuquerque de Mello Pereira e Caceres apresentarão o Capm. Engenheiro Ricardo Franco de Almeida Serra e os Doutores Astronomos Antonio Pires da Silva Pontes, e Francisco José de Lacerda e Almeida, em data de 20 de Agosto de 1788.

«Do escavado corre o Paraguay a S. E. por 12 legoas até a boca de hum rio que entra nelle pelo seu lado esquerdo; cujo rio se julga, com assaz fundamento, he quem recebe as agoas dos Sangradouros, da Figueira, Mello, e Flexas, e outros muitos e menores que se passam na estrada que vem do Cuiabá.

«Da dita boca volta o Paraguay a S. e depois a S. O. até encostar-se a Serra da Insua fazendo o todo, desdo Escavado hum semicirculo de 36 legoas de circunferencia e 18 de diametro; ambas as margens do Paraguay estavam alagadas pela cheia, tanto que só um dia tivemos terra encluta para pousar.

«A Serra da Insua, a que demos este nome por estar illhada de constantes agoas, tem pouca grossura e corre de N. a S. com tres legoas de extensão: a ella se encosta o Paraguay pela face do Leste e pela Poente, tem hum largo e fundo canal de muita agoa. A sua extremidade, ou ponta de S., forma a boca da lagoa Gaiba, e na ponta de N., que está na Latitudo de 17° 33', principia a lagoa Uberava servindo o dito canal de communicar estas duas lagoas.

«Da dita ponta de N. seguindo se della, ao mesmo rumo, destacadas e pequenas collinas principia a margem da Lagoa Uberava na dita direcção de N. por tres legoas: e voltando daqui a O. e depois de S. Leste, até findar outra vez na mesma ponta, fica formada a circunferencia desta lagoa, que he quasi circular com tres legoas de diametro. Toda ella he de agoa limpa com muito fundo e cercada de arrosaes, e extensos campos, tudo alagado pelo transbordamento da cheia do Paraguay.

«Junto da dita ponte e a Poente della, está entre muitas ilhas, a boca superior da indicada communicação ou canal que serve de escoante, não só a mencionada Uberava, mas também aos alagados campos que a circundão, correndo estas agoas todas para a Gaiba.

«Da dita extremidade da Serra de Insua, se descobre a Poente, a distancia de 7 legoas a ponta de N. que tem huma Serrania que vem de S. e acaba nella, a que fizemos toda diligencia para hir a ella, mas, navegando 2 legoas o terreno já alto não dava fundo para se navegar, esta ponta a que se deu o nome de Serra dos Leme, he a mesma que já no anno de 1783 no-

«tamos do Monte da Boa Vista, e por-
«que V. Exa. fez passar a linha Di-
«visória della do dito Monte para as-
«sím se verificar o Artigo 10 do
«Tratado de Lohites.

«Reconhecida esta Serra e a La-
«gon Uberavá chegámos, em 5 de
«Junho, a Serra do Letreiro ali boca
«da Lagoa Gaíba. Esta Serra está
«meia legoa a Sul da extremidade
«da Serra da Insua, formando am-
«bas a boca da referida Gaíba. He a
«sua Latitude de 17° 43'.

«Do dito Letreiro, se levantão al-
«tos e escabrosos Montes que, cor-
«rendo a S., em seguida cordilhei-
«ra, formão o lado occidental do
«Paraguay.

«A Lagoa da Gaiba faz a sua bo-
«ca a Ponte e dobrando logo a Ser-
«ra do Letreiro vai a S. por 2 legoas
«encostada a contravertente da dita
«Serrania; volta depois a O. por 1
«legoa e meia, lado que representa o
«sen fundo cujo he de terreno alto,
«no tempo secco, ainda que alagado
«em partes nos das cheias.

«Do rumo de O. volta a margem
«desta lagoa a N. por 2 legoas e meia,
«lado montuoso e no qual ha um fu-
«ro que a corta e vai à outra lagoa
«menor de N. volta a Leste a vir
«abuscá-la outra vez a sua boca e pon-
«ta de S. da Serra da Insua, entran-
«do junto a ella a boca inferior que
«vem da Uberavá; vindo a ter a Gai-
«ba 8 legoas de circuito, 21/2 de
«comprido de N. a S. e legoa e meia
«de largo. Pelo furo que corta o la-
«do montuoso e de Poente da Gai-
«ba como fica dito entramos, e com
«hum legoa de travessa, entre
«montes, sahimos em hum legoa
«de comprimento a que denomina-
«mos Gaiba mirim.

«Toda ella he cercada de asperos
«montes que vem desd'a ponta da
«Serra dos Limites, de Norte a Sul.

«Indagadas estas Lagoas, sahimos
«da Gaiba em 13 de Junho, correndo
«o Paraguay da sua boca ou da Ser-
«ra do Letreiro a S. E por 8 legoas
«com muitas e pequenas balias por
«ambos os lados até a barra do rio
«de S. Laureço, algum dia denomi-
«nado *Parrudas* que entra nelle pe-
«do seu lado de Leste.»

Não tendo eu pratica do desenho
topographico e não havendo a quem
podesse inculcar o desenhá-la Carta,
fiz este esboço que, apesar da sua
imperfeição, espero será sufficiente
para a intelligencia da presente me-
moria.

Uzei da projecção vulgarmente
chamada de *Mercurio*; o petipé he
1:1100,000.

As Longitudes são contadas do
Meridiano de Pariz.

As sondas vão indicadas em pal-
mos; a letra § designa fundo maior
que 15 palmos.

FIM da V. parte.

Um abileto fôra dar um passeto, e como os sapatos, que eram novos, o incommodassem alguma coisa, tirou-os, enfiando-os num pun, levava-os às costas; pouco depois dá uma formidável *tapada* em uma pedra ferindo o pé gravemente.

— Que feliçida he eu tive, exclamou o nosso ho-
mem! Si tivesse calçado os sapatos era capaz de
os escangallar.

Acto de historia.

Carlinhos, diz-me alguma coisa sobre a vi-
da de Maria Antonieta.

— Desculpe, senhor professor, mamie não quer
que eu me ocupe com a vida alheia.

Entre o mestre-escola e o discípulo maroto.

— Sen pai o que é?

— É morto.

— Mas o que foi elle?

— Foi enterrado.

— Não eu pergunto o que era elle antes?

— Antes era vivo...



A civilização das Nações é inseparavel da mo-
ral dos costumes.

Observações feitas as 0h. M. de Greenwich

NA ESTAÇÃO CENTRAL DE RIO DE JANEIRO E

transmittidas diariamente ao observatorio "D. BOSCO"

LAT. = 22° 54' 32" S. LONG. = 43° 10' 34" W GRW. ALTITUDE = 64m, 159

Hora local 9 h. 07m a.

Outubro 1911	Barometro A 0°	Thermometro						Vento		Estado atmosphero	Meteóros	Nuvens quantidade	
		Seco	T - T°	Humidade relativa	Tensão do vapor	Maxima	Minima	Oscillação da temper.	Direção				Força (escala Beaufort)
1	53.1	24.2	2.2	82	18.30	31.7	23.1	—	NW	2	inc	chs	10
2	60.3	18.8	0.6	96	15.19	29.6	21.6	—	SSW	6	enc	ch	10
3	63.4	19.9	3.2	75	12.21	22.0	17.8	—	E	1	«	«	10
4	57.9	22.3	3.6	69	13.85	21.0	17.6	—	—	—	«	—	2
5	56.8	24.7	5.9	54	12.61	26.4	19.5	—	WSW	6	inc	nt	10
6	69.2	21.5	2.2	80	15.30	27.2	21.5	—	SSE	2	enc	—	10
7	60.9	20.8	0.8	93	16.90	22.2	11.1	—	«	2	«	ch	10
8	57.8	20.8	0.7	94	17.13	21.3	19.4	—	SE	2	«	chs	10
9	55.9	21.2	0.8	92	17.34	25.0	20.5	—	NW	4	«	ch	10
10	53.5	23.0	3.0	74	15.55	24.9	20.0	—	WSW	3	inc	«	10
11	61.9	17.4	2.5	75	11.17	23.9	17.0	—	WNW	2	enc	chs	10
12	62.4	17.9	1.6	84	12.83	19.3	15.4	—	NE	1	inc	nt	10
13	58.9	16.5	0.4	96	13.38	28.8	16.5	—	ENE	7	«	«	10
14	56.9	19.1	0.6	94	13.62	21.1	19.3	—	NE	1	enc	ch	10
15	54.3	21.3	1.6	85	16.07	21.5	17.6	—	—	0	inc	—	9
16	56.3	18.4	0.7	84	14.07	23.9	17.8	—	NNW	3	inc	ch	1
17	59.0	21.0	2.0	82	15.12	23.2	16.7	—	—	0	«	nt	3
18	57.8	20.3	2.6	76	13.46	21.2	17.7	—	—	0	«	ch	0
19	58.8	20.5	0.9	92	16.46	21.8	18.1	—	W	6	inc	nt	10
20	60.6	21.8	1.3	87	17.18	22.9	19.7	—	N	1	enc	«	10
21	55.5	22.1	1.7	86	16.81	30.3	24.6	—	NNW	2	«	«	9
22	59.3	21.1	2.9	75	13.84	30.8	19.8	—	SW	2	inc	ch	10
23	59.3	19.8	1.8	83	14.25	22.7	19.4	—	N	1	enc	nt	10
24	59.8	21.9	2.2	80	15.70	21.5	18.6	—	NE	1	«	«	7
25	59.6	23.3	2.8	76	16.22	24.6	20.1	—	SE	2	«	—	6
26	58.5	23.3	4.6	64	14.53	25.5	20.5	—	N	1	enc	—	10
27	59.3	21.6	1.8	83	16.03	26.3	21.2	—	ENE	2	«	nd	10
28	59.9	24.2	3.8	67	15.33	24.4	20.9	—	E	1	«	—	9
29	58.6	24.7	2.9	77	17.73	28.4	21.4	—	N	2	«	—	6
30	56.2	26.4	5.2	60	15.74	27.2	21.7	—	«	1	«	—	0
31	55.0	26.0	5.3	60	14.97	29.1	22.5	—	«	2	«	ory	0
Med.	58.4	21.4	2.2	79.8	15.00	24.8	19.	—	Variav.	2.1	—	—	7.8

Observações particulares

1ª De. Nevociros nos dias 1, 5, — Chuva e chuviscos dia 2, 3, 5, 7, 8, 9.

2ª « « « « 11, 12, 13, 16, 17, 19, 20, — chuvas e chuviscos, dias 11, 12, 13, 14, 15, 16, 18.

3ª « « « « 21, 23, 24, 27, 30, 31, — chuvas e chuviscos, dia 21, 22, 26, 27, — Orvalho dia 31.

OBSERVATORIO METEOROLOGICO "D. BOSCO"

Dependente do Lyceu Salesiano de Artes e Officinas

Em Cuiabá, Estado de Matto-Grosso, Director Padre M. G. de Oliveira e Secretario Sylvio Milanese

Observações feitas durante o mez de Outubro de 1911.

ALTITUDE DA LOCALIDADE: 235^m, 02 LATITUDE 15° 35' 40" LONGITUDE: 12° 50' 7"
(Occ. do Rio)

N. de observações por dia às 7 a. m., às 2 e 9 p. m., hora local

TABELLA I

Outubro 1911	Pressão barométrica <i>reduzida á 0° cent.</i>					Temperatura <i>centigrada, á sombra</i>				TEMP. SOL. OSCUILAÇÃO	Humidade <i>relativa</i>			
	7.m.	2 p.m.	4 p.m.	Media	Oscil.	Media	Max.	Min.	Oscil. da Temp.		7.m.	2 p.m.	4 p.m.	Media
1	46.3	43.9	46.7	45.6	2.8	27.6	31.0	23.0	8.0	5.2	75	51	82	68.6
2	48.1	48.0	48.9	45.0	0.9	29.9	24.5	21.4	3.1	1.2	83	80	83	82.1
3	48.2	46.4	44.7	46.4	3.5	25.2	29.5	21.0	8.5	12.9	86	63	76	75.6
4	46.5	43.2	43.1	44.3	3.4	29.5	33.2	25.8	7.4	11.6	80	52	76	69.3
5	45.4	43.3	45.0	44.6	2.0	27.0	31.5	22.6	8.9	7.8	73	65	82	70.3
6	48.6	47.3	47.7	48.2	1.3	24.4	26.5	22.4	4.1	2.2	79	76	89	78.3
7	48.0	44.5	44.5	45.7	3.5	27.5	31.0	24.0	7.0	10.3	82	60	70	70.3
8	45.4	42.7	42.3	43.4	3.1	29.2	33.5	24.0	10.5	11.0	76	47	60	61.0
9	43.8	42.3	43.0	43.0	1.5	31.7	35.0	28.4	6.6	10.6	65	45	59	56.3
10	45.7	47.1	47.8	46.8	2.1	23.0	23.6	22.4	1.2	3.0	78	72	72	71.0
D. 1ª	46.6	44.9	45.4	45.3	2.4	26.7	30.0	23.5	6.5	7.5	77.5	61.1	74.0	70.7
11	48.4	47.5	48.0	47.9	0.9	23.1	25.8	20.4	5.4	7.4	65	61	69	65.0
12	48.2	45.8	45.9	46.6	2.3	26.0	30.7	21.4	9.3	9.2	47	56	66	56.3
13	47.9	45.6	46.2	46.6	2.3	28.2	32.4	21.0	8.4	12.5	76	53	61	63.3
14	48.8	46.6	48.4	47.9	1.1	28.0	30.7	25.3	5.4	9.0	73	55	65	64.3
15	49.3	46.3	46.3	47.3	3.0	27.0	31.2	22.8	8.4	12.0	91	36	93	73.3
16	46.4	43.8	43.0	44.4	3.4	26.8	32.7	21.0	1.7	15.2	61	32	54	49.0
17	45.2	42.8	43.3	43.8	2.4	28.8	34.6	23.0	11.6	17.2	70	40	51	53.6
18	47.1	45.2	46.5	46.3	1.8	27.5	30.8	24.1	6.4	8.6	67	57	66	63.3
19	47.6	45.4	46.4	46.4	2.2	18.3	30.5	24.6	5.9	5.3	80	65	69	71.3
20	47.8	45.5	46.2	46.5	2.3	18.6	31.2	24.7	6.5	7.8	77	54	66	65.6
D. 2ª	47.7	45.5	46.0	46.1	2.2	25.1	31.0	23.1	6.9	9.4	70.7	50.9	66.0	62.5
21	47.1	46.1	46.8	46.7	1.0	17.1	27.4	24.0	3.4	3.4	79	82	83	81.3
22	47.3	45.2	45.2	45.9	2.1	16.9	27.8	23.0	4.8	6.3	84	78	83	81.6
23	45.9	43.8	44.4	44.7	2.1	27.8	30.7	24.2	6.5	8.2	70	77	86	76.6
24	47.2	45.4	45.6	46.1	1.7	25.4	27.4	23.5	3.9	6.5	86	80	92	86.0
25	46.9	45.0	44.6	44.5	2.9	27.2	30.9	23.5	7.4	10.8	88	66	77	77.0
26	45.3	42.1	42.4	43.4	2.9	29.1	33.2	25.0	8.2	9.1	82	96	75	71.0
27	44.5	42.2	43.1	43.3	2.3	29.1	32.8	25.5	7.3	10.0	71	59	68	66.0
28	45.1	43.3	44.8	44.1	1.7	27.7	31.6	26.9	4.7	9.8	74	54	65	64.3
29	45.9	44.3	43.6	44.2	2.2	17.7	32.0	23.5	8.5	7.4	74	53	62	63.0
30	45.5	42.9	45.8	44.7	2.8	28.7	31.6	25.9	5.7	6.2	72	63	70	68.3
31	45.3	44.1	44.5	44.6	1.1	27.0	26.0	25.0	4.0	4.4	85	73	71	76.3
D. 3ª	45.9	43.9	44.0	44.8	2.0	28.3	30.4	26.3	5.8	7.4	78.6	67.7	75.6	73.7
Mez	46.7	44.7	45.3	45.6	1.9	26.7	30.4	24.3	6.4	8.1	75.6	59.9	71.8	68.9

Observatório meteorológico "D. Bosco" — Curitiba

TABELLA II

Outubro 1911	Vento Direcção - Força						Nebulosidade Forma - Fração				Chuva Quantidade	EVAPORAÇÃO em 24 horas	
	7 a. m.	2 p. m.	9 p. m.	7 a. m.	2 p. m.	9 p. m.	Media	Abrigo	Exp.				
1	N 3	NW 7	S 5	Ku 8	Kc 7	Ku 8	8.0	2.5	1.6	4.8			
2	S 7	S 1	SW 2	N 10	N 10	" 7	9.0		0.4	1.2			
3	" 2	— 0	S 3	NK 10	Ks 4	S 2	5.3		0.6	4.2			
4	— 0	N 4	— 0	CK 4	K 7	" 3	4.6		1.8	9.2			
5	N 5	SSE 6	S 5	Kc 8	NK 10	N 10	9.3		2.0	8.0			
6	S 8	S 2	SSE 3	N 10	" 10	CK 6	8.6		0.6	2.0			
7	— 0	W 4	E 1	— 0	Cs 3	Sc 4	2.3		1.4	6.5			
8	N 1	S 1	N 1	S 1	Ku 6	— 0	2.3		2.3	9.9			
9	" 6	NW 8	" 2	— 0	K 5	C 1	2.0		2.9	12.0			
10	NW 1	S 4	S 1	N 10	N 10	N 10	10.0		1.0	1.2	2.6		
D1 ^a	N-S 3.3	NW 4.1	S-N 2.3	N 6.2	K 7.2	Ku 5.1	6.1	3.5	14.8	60.4			
11	S 5	S 1	S 1	N 10	K 8	K 5	7.6	2.0	1.9	4.1			
12	" 1	" 1	— 0	Cu 1	CK 2	— 0	1.0		2.2	7.6			
13	— 0	SW 1	— 0	S 10	K 8	— 0	6.0		1.9	7.6			
14	SSE 1	S 1	S 3	Ku 10	" 8	— 0	6.0		1.8	5.7			
15	S 2	SSW 2	" 1	Cs 1	— 0	— 0	0.3		3.0	10.0			
16	N 1	SW 1	— 0	— 0	— 0	— 0	2.0		2.0	9.1			
17	" 1	N 1	N 1	Cs 5	K 8	— 0	4.3		2.8	11.1			
18	S 1	W 1	NE 1	N 10	" 10	Ku 8	9.3		1.8	5.4			
19	N 9	N 2	N 3	Ku 10	Ku 9	" 10	9.6		1.6	5.2			
20	N 10	N 1	" 1	K 10	K 9	K 4	7.6		2.0	7.4			
D2 ^a	S-N 3.1	S-N 1.2	N-S 1.1	N-Ku 6.7	K 6.2	Ku 2.7	5.7	0.0	20.3	73.2			
21	S 1	S 9	S 1	Ku 10	Ku 10	N 10	10.0	8.0	0.7	1.4			
22	" 1	— 0	NNE 1	N 10	" 10	C 1	7.0		0.7	3.4			
23	NNE 1	N 1	N 1	Sc 10	K 7	Ku 4	7.0		1.0	3.6			
24	— 0	S 1	" 1	N 10	Ku 10	" 10	10.0		0.1	1.2			
25	N 1	W 2	" 1	Cs 9	" 9	Cs 1	6.3		1.0	7.0			
26	NW 1	N 3	— 0	C 4	K 6	— 0	3.3		2.0	9.0			
27	N 5	" 2	N 1	" 1	" 6	S 7	4.6		2.4	8.8			
28	" 4	" 7	" 9	S 1	Ku 9	Ku-K8	6.0		2.4	8.3			
29	" 1	" 7	" 1	" 1	" 7	— 0	2.6		2.2	10.5			
30	" 1	NW 2	" 4	K 6	Kc 6	K-Ku8	6.6		2.4	10.7			
31	" 2	N 2	" 5	Ku 10	Ku 10	S-Sc 9	9.6	0.3	1.6	6.2			
D3 ^a	N 1.7	N 3.5	N 3.5	Ku 6.5	Ku 8.1	K 5.2	6.6	45.2	19.5	70.1			
Mez	S-N 1.7	N 3.2	N 3.2	N 6.4	K 7.1	K 4.3	5.9	3.7	51.6	203.7			

Observatório meteorológico "D. Roxo" — Curitiba

TABELLA III

Resumo geral do Mez de Outubro de 1911				
Frequencia dos Ventos durante o mez				
VENTOS	7 a. m.	2 p. m.	9 p. m.	Sommas
N	14	10	13	37
NE	1	0	2	3
E	0	0	1	1
SE	1	1	1	3
S	9	9	8	26
SW	1	3	1	5
W	0	3	0	3
NW	1	3	0	4
Calmas	4	2	5	11
Sommas	31	31	31	93
BAROMETRO REDUZIDO A 0° C.				
Pressão media mensal	45.43			
Maxima pressão durante o mez — Dia 15	49.33			
Minima pressão durante o mez — Dia 27	42.26			
Media diaria maxima Dia 19	49.81			
Media diaria minima Dia 19	43.06			
TEMPERATURA CENTIGRADA AO ABRIGO				
Media mensal	26.7			
Maxima extrema — Dia 9	35.0			
Minima extrema — Dia 11	20.6			
Media diaria maxima—Dia 9	31.7			
Media diaria minima — Dia 22	16.9			
TEMPERATURA CENTIGRADA AO AR LIVRE				
Media mensal	26.2			
Maxima extrema — Dia 17	39.0			
Minima extrema — Dia 11	18.6			
Media diaria maxima—Dia 9	31.6			
Media diaria minima — Dia 2-3	20.0			
NIVENS				
Formas predominantes	K-Kn			
Quantidade media	5.9			
Dias claros	13			
Dias nublados	18			
CHUVA				
Numero de dias com chuva	6			
Total de agua recolhida	48 ^m / ₁₀₀			
Altura max. em 24 hors.	38.6			
N.º DE DIAS				
Manifestações electricas	13			
Trovoadas	4			
Nevoeiros	1			
Orvalho	5			
Dias sem brilho solar	4			
Tensão media do vapor atmosferico	18 ^m / ₁₀₀ 30			
Humidade relativa media	68 ^m / ₁₀₀ 9			
Evaporação media diaria ao abrigo	1 ^m / ₁₀₀ 7			
Evaporação media diaria ao sol	6 ^m / ₁₀₀ 7			
Maior evaporação diaria ao abrigo — Dia 15	3 ^m / ₁₀₀ 0			
Maior evaporação diaria ao sol — Dia 9	12 ^m / ₁₀₀ 0			
Menor evaporação diaria ao abrigo — Dia 24	0 ^m / ₁₀₀ 1			
Menor evaporação diaria ao sol — Dia 2-24	1 ^m / ₁₀₀ 2			
Evaporação total ao abrigo	54 ^m / ₁₀₀ 6			
Evaporação total ao sol	203 ^m / ₁₀₀ 7			
Horas de insolação 152 hs. 30', correspondendo a céu meio nublado. A chuva d'este mez é quasi nulla, comparada com a de Outubro de 1908, 1909 e 1910; elevando-se a 1ª a mm. 172.9, a 2ª a mm. 144.4; a 3ª a mm. 237.1 impellidas pelos ventos N e NW; esta ultima de 1911 apenas alcançou mm. 48.7 na terceira decada, dominando nas outras, vento Sul.				

Observatorio Meteorologico "Santa Cruz"

Dirigido pelos R. R. P. P. Salesianos em Araguaya — Matto-Grosso

(Observações feitas durante o mez de Agosto de 1911)

Altitude approximada da Localidade: 188.^m — Latitude austral 15° 33' 27" S

Longitude 9° 48' 57" O (W do Rio de Jan.)

N.º DE OBSERVAÇÕES POR DIA: AS 6 A. M., AS 2 E 8 P. M. HORA LOCAL

TABELLA I

Agosto 1911	Pressão barometrica reduzida a 0. ^o cent.					Temperatura centigrada á sombra				TEMP. OSCILLACAO	Humidade relativa			
	6 a. m.	2 p. m.	8 p. m.	Media	Oscil.	Media	Max.	Min.	Oscil. da tem.		6 a. m.	2 p. m.	8 p. m.	Media
1	20.64	15.47	17.72	17.94	5.17	24.2	30.6	17.8	12.8	17.4	67.0	33.0	45.0	68.0
2	20.53	14.78	15.82	17.04	6.75	23.8	30.6	17.0	13.6	15.0	84.0	42.0	51.0	59.0
3	23.70	20.23	17.66	20.53	6.04	21.1	26.2	16.0	10.2	10.0	96.0	57.0	67.0	73.0
4	20.52	16.59	16.61	17.90	3.93	24.9	31.4	18.4	13.0	14.4	83.0	44.0	54.0	60.0
5	20.19	22.00	23.73	22.00	3.54	23.0	28.0	18.0	10.0	01.2	74.0	78.0	86.0	82.0
6	25.19	22.06	20.60	23.61	3.13	19.2	24.2	14.2	10.0	10.8	89.0	59.0	69.0	72.0
7	25.42	20.13	20.78	22.11	5.29	21.8	28.0	15.6	12.4	13.6	89.0	49.0	57.0	65.0
8	22.82	17.17	20.13	20.04	5.65	24.8	31.4	18.2	13.2	16.0	72.0	48.0	67.0	62.0
9	23.23	16.27	19.79	19.76	6.96	25.5	31.0	20.0	11.0	13.8	81.0	43.0	57.0	60.0
10	23.45	18.77	18.92	20.37	4.66	25.4	36.9	20.0	10.9	13.6	77.0	41.0	53.0	57.0
D. 1. ^a	22.56	18.25	19.46	20.13	5.11	23.3	29.2	17.5	11.7	12.8	81.2	49.4	60.6	65.8
11	21.55	15.64	16.92	16.03	5.91	24.1	30.2	18.0	12.2	14.2	81.0	49.0	42.0	57.0
12	22.23	17.20	18.14	19.19	5.63	24.4	30.8	18.0	12.8	13.2	71.0	40.0	40.0	50.0
13	23.04	19.93	20.25	21.17	3.11	24.1	30.5	17.8	12.7	12.2	94.0	57.0	64.0	71.0
14	22.85	17.50	17.76	19.37	5.09	23.2	29.2	17.2	12.0	14.6	84.0	45.0	64.0	64.0
15	20.35	16.35	16.66	17.78	4.00	25.6	30.6	12.6	10.0	14.1	50.0	42.0	59.0	50.0
16	20.51	15.08	17.80	17.79	5.43	26.0	31.1	20.9	10.2	15.0	78.0	40.0	62.0	63.0
17	21.38	16.23	17.92	18.86	5.10	26.0	31.0	21.0	10.0	10.8	69.0	42.0	67.0	59.0
18	21.43	15.76	18.72	18.63	5.67	26.1	31.2	21.0	10.2	16.2	64.0	32.0	40.0	45.0
19	21.61	14.43	18.96	18.67	7.21	25.5	33.0	18.0	15.0	15.0	59.0	32.0	44.0	45.0
20	19.71	14.28	16.75	16.91	5.43	25.0	32.0	18.0	14.0	15.0	52.0	42.0	49.0	47.0
D. 2. ^a	21.46	16.25	17.98	18.44	5.19	25.0	30.9	19.0	11.9	14.0	70.2	43.0	53.1	55.1
21	19.19	13.37	16.40	16.35	5.82	28.4	33.0	23.8	9.2	6.5	50.0	36.0	41.0	42.0
22	19.50	13.08	16.40	16.29	6.22	24.9	33.0	16.9	16.1	5.5	66.0	33.0	43.0	47.0
23	19.40	13.05	15.12	15.88	6.44	28.2	33.6	22.8	10.8	11.7	61.0	35.0	44.0	47.0
24	18.41	12.16	13.98	14.85	6.25	28.0	33.6	22.5	11.1	17.8	60.0	35.0	47.0	47.0
25	18.85	12.91	15.99	15.91	5.94	27.7	33.2	22.2	11.0	11.8	68.5	34.0	55.0	51.0
26	19.40	14.66	14.21	16.12	5.28	19.9	21.7	18.2	3.5	9.5	69.0	40.5	82.0	65.0
27	21.72	16.84	17.04	18.53	4.88	23.2	27.5	19.0	8.5	12.8	96.0	52.0	57.0	68.0
28	21.45	15.87	16.96	18.09	5.58	25.5	32.0	19.0	13.0	12.1	79.0	39.0	42.0	53.0
29	20.85	15.66	15.82	17.44	5.19	26.1	32.0	20.3	11.7	10.2	66.0	34.0	45.0	48.0
30	20.17	16.85	17.80	18.27	3.32	25.6	31.2	20.0	11.2	17.8	65.0	36.0	52.0	51.0
31	19.70	16.84	17.92	18.15	2.86	26.2	31.8	20.6	11.2	17.0	76.0	42.0	56.0	58.0
D. 3. ^a	19.87	18.29	16.16	16.88	5.25	25.7	31.1	21.3	10.6	12.0	68.7	38.7	51.2	56.0
MEZ	21.29	17.59	17.86	18.48	5.18	24.6	31.6	19.2	11.1	12.9	73.3	43.3	54.9	58.9

Observatório meteorológico "SANTA CRUZ"

TABELLA II

AGOSTO 1911	Vento Direção—Força						Nebulosidade Forma—Fração				Chuva Quantidade	EVAPORAÇÃO em 24 horas	
	6 a. m.	2 p. m.	8 p. m.	6 a. m.	2 p. m.	8 p. m.	Medin	Abrigo	Exp.				
1	—	0	S 2	—	0	C 4	C 10	C 3	5.6	—	5.3	12.6	
2	—	0	N 3	N 1	1	C 10	" 10	" 10	10.0	—	5.4	14.0	
3	SW 4	S 2	—	—	0	N 10	" 10	" 10	10.0	—	4.0	9.0	
4	—	0	NNW 6	—	0	NC 10	SK 7	" 10	9.0	—	3.8	10.8	
5	S 2	S 4	SW 3	NS 10	N 10	N 10	N 10	N 10	1.0	—	2.8	5.2	
6	SW 1	" 5	S 2	N 10	C 8	C 8	C 7	C 7	3.3	—	2.6	7.2	
7	S 1	—	0	CK 8	—	0	—	0	2.6	—	3.6	10.6	
8	—	0	E 1	E 1	—	0	K 10	C 3	4.3	—	5.3	12.0	
9	—	0	N 2	" 1	1	K 3	" 9	" 2	4.6	—	5.0	11.2	
10	—	0	NE 3	NNE 1	1	C 1	" 8	" 4	4.3	—	4.5	10.7	
D.1 ^a	S 0.6	S 2.8	S 1.2	C 6.6	C 9.2	C 5.0	6.8	—	—	—	4.2	10.3	
11	S 1	N 4	N 5	C 10	CK 10	K 7	9.0	—	—	—	5.5	11.0	
12	—	0	—	" 10	CK 10	N 8	9.3	5.0	—	—	5.2	11.0	
13	S 3	ES 1	SE 1	C 4	—	0	4.6	—	—	—	2.0	6.0	
14	—	0	NN 3	E 4	—	0	K 3	N 3	2.0	—	2.8	8.7	
15	ESS 1	N 5	" 3	SW 2	K 6	—	6.6	—	—	—	6.5	12.1	
16	—	0	—	—	0	" 10	—	0	3.3	0.9	6.0	11.7	
17	—	0	SE 3	—	0	C 2	" 10	—	0	—	7.0	14.5	
18	—	0	ENE 1	E 3	—	0	C 1	—	0	—	6.0	12.0	
19	—	0	N 2	—	0	—	0	—	—	—	8.0	18.0	
20	—	0	S 3	S 1	—	0	K 4	S 1	1.8	—	7.8	11.7	
D.2 ^a	S 0.4	N 2.2	E 2.7	C 2.8	K 5.8	N 1.0	4.0	5.9	—	—	5.7	11.6	
21	—	0	NW 5	E 4	S 1	K 5	SK 1	2.3	—	—	7.1	15.8	
22	—	0	N 1	" 2	" 1	" 2	—	0	1.0	—	6.0	13.5	
23	SW 1	W 1	—	0	KN 6	" 7	—	0	4.3	—	5.5	13.0	
24	—	0	ESE 5	E 1	CS 4	CK 6	—	0	3.3	—	8.8	15.5	
25	—	0	N 4	" 2	K 8	K 7	—	0	1.0	1.6	8.0	15.5	
26	—	0	WNW 5	S 8	C 10	NK 10	NK 4	8.0	—	—	6.0	13.6	
27	S 5	S 2	" 3	NK 9	K 4	C 2	5.0	—	—	—	2.0	6.2	
28	SSE 2	" 5	—	0	S 1	" 4	KC 2	2.3	—	—	5.0	12.4	
29	S 2	SK 3	—	0	—	0	NK 8	4	—	—	6.0	14.0	
30	—	0	K 2	—	0	SC 2	N 10	CK 5	5.6	—	6.2	12.4	
31	—	0	N 5	N 4	C 7	KC 6	N 10	7.6	—	—	6.0	11.5	
D.3 ^a	S 0.9	N-S 3.4	E 2.2	S 4.4	K 5.9	NK 2.9	4.4	1.6	—	—	6.0	11.0	
Mez	S 0.6	N-S 2.8	E 1.0	C 1.6	K 6.9	C 3.5	5	7.5	—	—	5.3	10.9	

Expediente: A assignatura ANNUAL para a Capital, da REVISTA MATTO-GROSSO, é de 10\$000 pagos ADEANTADAMENTE OU NO PRIMEIRO TRIMESTRE do recebimento da REVISTA. E, para fôra da Capital, é de 12\$000.

Assinaturas mensaes - 1\$000.



A importância, da assignatura deve ser enviada directamente á Redacção em *vales postaes* ou *carta registrada com valor declarado*.



Toda a correspondência deverá ser dirigida á

**Redacção da
Revista Matto-Grosso**

Lyceu Salesiano de Artes e Officios

(Estado de Matto-Grosso)

CUIABÁ

Escolas Profissionais Salesianas---Cuiabá.